

# MUSEU VIRTUAL DO DISCO DE VINIL

DANIELA FRANCO CARVALHO\*

BETO OLIVEIRA\*\*

## INTRODUÇÃO

Devido à pandemia da COVID-19, um grande número de pessoas forçado a permanecer mais tempo em suas residências passou a organizar seus bens pessoais, retomar antigos hábitos ou a se dedicar a novas atividades. Assim, ouvir músicas compartilhadas via redes sociais, fazer *playlists* em plataformas de *streaming*, e acompanhar lives de artistas cantando «ao vivo» em canais como o Instagram e YouTube se tornaram frequentes no cotidiano da quarentena. Juntamente a esse movimento, o retorno à escuta de discos de vinil tomou grandes proporções e tem sido notificado em redes sociais e meios jornalísticos. Segundo Valente (2019, p. 135), «numa direção extremamente oposta, afirma-se o desejo de contato direto com o objeto material, palpável, colecionável — o disco. Esta opção, decretada extinta, há até pouco tempo, volta a surgir, com o advento daquilo que se vem denominando cultura do vinil».

Entusiastas de todas as idades perceberam que o vinil não é só uma mídia que contém a música, e sim um universo de informações e sensações. O disco de vinil torna-se nesse contexto «um objeto artístico e elemento afirmador de uma cultura» (Bartmanski e Woodward 2016, p. 6).

Embora o número de pessoas que cultuam o vinil esteja cada vez maior, os dados acerca desse universo são dispersos, o que dificulta a busca por informações precisas acerca da história dos discos, dos artistas e da produção das capas e encartes.

Tudo na cultura do vinil pode ser de interesse público para acesso a esse patrimônio: as faixas das músicas, o som característico do long play, as informações da produção do disco, dados da gravadora, a cor do vinil, o cheiro, discos raros de primeira prensagem, os encartes, as letras das músicas, a ficha técnica, e a capa.

A capa é especial pois conta a história do disco. Cunha (2020, p. 9) coloca que «desde *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, as capas dos discos deixaram de ser um utensílio para guardar o vinil e constituíram-se num objeto autônomo de arte e cultura».

D'Morais (2012) delinea uma plêiade de letristas-poetas que se utilizaram das capas e encartes da MPB como suporte maior da sua poesia.

O ato de escutar um vinil é bem diferente das outras mídias pois há a necessidade de tira-lo da embalagem, e ao fazer isso, já é possível se deparar com outras informações,

---

\* Universidade Federal de Uberlândia. Email: danielafranco@ufu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4476-7903>.

\*\* Studio Click 54. Email: betooliveirafoto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7097-6709>.

vendo os encartes, a capa, e percebendo as fotos e imagens contidas no disco, elementos que não existem no *streaming*.

*Estudar as capas de discos não se limita apenas ao campo técnico formal e de impressão mas revela traços da cultura e do consumo visual de uma época. Os discos de vinil foram largamente consumidos a partir dos anos 1950 se tornando um produto de relevância na cultura de massa. Várias capas se tornaram símbolo representativo da sua época, trazendo influências diretas à cultura visual do tempo em que foram consumidas. [...] Muitas capas são encontradas apenas nas mãos de colecionadores, em sebos e feiras, o que demonstra o fator de popularização desse material* (Reis, Lima e Lima 2015, p. 3).

Além da raridade de alguns discos agregar valor ao vinil, há um mercado crescente para a troca e venda de LPs, em grupos nas redes sociais e por meio de lojas digitais. Ao se colocar um produto nesses espaços de negociação, a história do disco é disseminada a esse pequeno número de interessados.

Harada (2019, pp. 26-27) coloca que «deve existir a possibilidade do consumidor sentir que pertence a um grupo ou comunidade ao obter um determinado produto que remete a um tempo passado que continua a ser relevante para os consumidores através de inovações e adaptações, sejam essas tecnológicas ou ideológicas. Dentro dessa linha de pensamento que o vinil, pela sua iconicidade, pode ser considerado uma herança tecnológica, muitas vezes considerada superior pela raridade do objeto físico e pela qualidade do som e da experiência». Os discos de vinil também permitem explorar uma experiência mais alargada, nomeadamente no que toca aos rituais associados ao ato de ouvir música através do formato do vinil e a conservação dos discos de vinil (Bartmanski e Woodward 2016); e no que toca aos rituais associados ao ato de comprar os discos de vinil como acontece no *crate digging*<sup>1</sup>: percorrer as caixas nas lojas à procura de um disco para completar uma coleção (Remic 2015).

Ao transportar o marketing experimental para a indústria dos discos de vinil é interessante verificar que o vinil proporciona uma experiência mais concreta numa era do intangível (como é no caso dos ficheiros digitais<sup>2</sup>). No ato de consumir música, uma vez que a fisicalidade do disco de vinil tem um potencial de facilitar a interação entre a pessoa e o disco, conseguindo apelar aos sentidos de um indivíduo. O disco de vinil consegue apelar aos sentidos pois tem a componente visual pela unicidade do formato, pela facilidade de identificação visual e ainda pelo fato de se ter tornado uma tela para as artes de capa com design memoráveis; o material, a textura, e o peso dos discos levam o consumidor a

---

<sup>1</sup> No Brasil é conhecido como processo de «garimpo».

<sup>2</sup> Plataformas de *streaming* como Spotify, Apple Music ou Deezer.

avaliar o produto a nível tátil; e ainda pode apelar pelo cheiro uma vez que o disco de vinil possui o seu cheiro peculiar (Harada 2019, p. 33).

As capas dos discos de vinil se inserem na cultura material brasileira e contam fatos da nossa memória coletiva. As capas e os discos de vinil fazem parte da história e se configuram como patrimônio artístico, dado que «o disco de vinil, é um dos principais meios de veiculação da literatura brasileira» (Cunha 2020, pp. 9-10).

Ao estudar sobre as capas e discos de vinil, percebemos que há pouca produção acadêmica sobre esse tema e as informações de colecionadores estão espalhadas em blogs, páginas do Instagram e restritas a grupos em redes sociais. Nesse sentido, objetivamos estruturar um museu virtual do disco de vinil que pudesse reunir em um único local essas informações, a partir do objeto *in loco* e de entrevistas com ícones desse universo do vinil.

Um museu virtual que mesclasse pesquisa documental, cultura e arte, para todos. Um museu que desperta paixão. Paixão pela música brasileira, pela história, e pelos artistas que contribuem para a constituição do patrimônio cultural imaterial do Brasil.

## 1. DESENVOLVIMENTO

1248 horas de confinamento em 59 metros quadrados de um apartamento de dois quartos. Vamos escutar um vinil no estúdio de fotografia? 270 minutos com Caetano, Gil, Maria Bethânia, Marisa Monte, Mutantes, Rita Lee, Baby do Brasil. Um hiato pandêmico. Céu nublado. Calor. Danças e risadas na laje seguidas de mais 192 horas entre o sofá da sala e a varanda com os vasinhos de planta e ninhos de rolinhas. Vamos pro estúdio? Fotografar é uma integração musical. 180 minutos com U2, The Rolling Stones, Radiohead, Red Hot Chilli Peppers, The Doors, Cake, Lou Reed, Janis Joplin, Jimi Hendrix. Escolher cada um, tirar da capa, ler o encarte, colocar no toca-discos, virar o lado, cantar junto, fechar os olhos, conversar sobre as músicas. Sabe esse móvel de madeira com os discos? Hummm. Meu pai que fez comigo. Uma lembrança viva dele seguida de 11 dias no apartamento com caixinha JBL e som de playlists via Spotify. Zero trampo. Vou ver se a proprietária abaixa o aluguel. Não. Não abaixa. Vou ter que entregar o estúdio. Vem morar aqui. Traz umas coisas. Outros 48 dias entre caixas, corres e máscaras. O móvel de madeira, os discos, o toca-discos gradiente garrard e o receiver mudaram para a sala, em frente à mesa de jantar. Agora todo dia tinha um vinil para escutar. Uma história para acompanhar. Liga o neon LOVE. Apaga a luz. Quero um daqueles globos de boate. Sabe, para mim a fotografia e a música permitem tangenciar o sensível, o singular, o único. Sim. Isso. Tantos discos novos para a coleção. Está virando especialista, hein! Estudando para a live. Discos raros. Capas polêmicas. Olha essa ilustração aqui. Nos *stories* do Instagram mostro o disco rodando, trechinho da música e a capa. Olhar a capa do vinil tal qual se frui uma obra de arte. Em êxtase. Viu de quem é a fotografia desse aqui? Não. Nossa! Por que não pensa em fazer um museu? Virtual. Tantos discos. Você está pesquisando tanto. Ah? Viu

os discos que foram censurados na ditadura militar? Está estudando as capas? Tem pouca coisa escrita. Tudo muito espalhado em blogs e em grupos de whats, de colecionadores. Um universo à parte. Sabe quanto tá o disco da Maria Rita? R\$2.500,00. Rssrrsr. O da Letrux esgotou. Saiu e esgotou. Da Tulipa Ruiz também. Galera fissuradaça no vinil. Então... por que não pensa em fazer um projeto? Do disco de vinil? De montar um museu virtual? Ah? É! Uai. Está pesquisando tanto. A gente escreve. Vamos promover a memória coletiva do patrimônio cultural imaterial brasileiro através da produção do Museu Virtual do Disco de Vinil! Hum? Que tal? Olhos arregalados. Brilhantes. Quero. Sim. Vamos democratizar o conhecimento sobre a história da música brasileira e dos discos de vinil. Fazer filmetes sobre as capas dos discos. Entrevistar artistas, fotógrafos/as, ilustradores/as e colecionadores/as de discos de vinil. Põe a Elza para a gente comemorar. Quase completou a discografia dela, né? Um museu virtual que mescle pesquisa documental, cultura e arte, para todos. Um museu que desperte paixão. Paixão pela música brasileira, pela nossa história, e pelos artistas do nosso país. Curtiu? Muito. Vamos chamar o Lu, o Fábio, o Carlinhos? Pensar num grande evento. Um dia do disco. Após 1440 horas de conversas, escritas, orçamentos, ideias e alegria, eis o projeto do Museu Virtual do Disco de Vinil. Tá feliz? Nossa... que legal isso. A gente fez. Sim. Vamos levar o toca-discos novo para o outro apartamento? Fazer lá a secretaria do museu? Por tudo na estante branca. Nesse tempo a coleção triplicou, né? Tem os discos do Glênio... mais 133. E os que a Renata trouxe, da casa dos pais dela. 561 600 minutos covidianos. A estante está lotada. Daqui a pouco... as luzinhas de led... não vai dar nem para ver. Quero escutar Criolo. Espiral de ilusão. Dona Onete. Emicida. Comprei esse outro aqui para o museu. Chegou hoje. Angelus do Milton Nascimento. O primeiro disco dos novos bahianos. Bem-vinda amizade do Jorge Ben Jor. O disco da Bebel Gilberto. Agora. Amanhã vamos fotografar a coleção? Tá bom. Está falando com outro vendedor? Conheceu agora? Quer comer a torta de palmito do almoço ou pedir um hambúrguer? Tem vegetariano. Héctor também prefere a torta. Amanhã a gente pode pedir? Pode. Gostei do disco dele. Não ouvi não mas está zerinho.

Essa narrativa constitui um excerto daquilo que foi o cenário da proposição do Museu Virtual do Disco de Vinil, em meio à crise sanitária mundial, numa cidade de médio porte no interior do estado de Minas Gerais, Brasil.

Nossas experiências profissionais no campo da fotografia e dos museus fundamentaram a proposta de constituição de um acervo sobre o disco de vinil que poderia ser disponibilizado ao público de forma virtual, numa página na *internet*, constituindo um museu.

*O museu pode ser compreendido como um dicionário das práticas humanas apresentadas por meio dos artefatos/objetos produzidos que, por adquirirem significado no contexto sociocultural, passam a representar os modos de existência de*

*indivíduos e grupos através do tempo, tornando-se, por fim, patrimônio cultural* (Gomes 2013, p. 41).

O museu virtual do disco de vinil foi organizado museologicamente de acordo com as práticas primordiais de uma instituição museal, que consistem na: «seleção, organização, conservação, pesquisa, exposição do acervo e diálogo com o meio social envolvente» (Gomes 2013, p. 40).

O acervo é constituído por filmetes sobre as capas dos discos de vinil, distribuídos nas seguintes categorias: fotografia & ilustração; censurados & polêmicos; natureza; e religiosidade. Essas categorias foram idealizadas devido às histórias de diversas capas e ao conceito que se vincula ao vinil. Os filmetes foram produzidos tendo como base a arte da capa do vinil, a história do disco, a biografia do/a artista, curiosidades sobre a produção, tiragem e prensagem, as músicas que fazem parte do lado A e do lado B e detalhes sobre o encarte.

Os filmetes são considerados objetos museais, pois, de acordo com Gomes (2013, p. 40), «a conversão de artefatos ou signos do mundo vivido em objetos-documentos que representam existências individuais ou de grupos em determinado tempo e espaço faz parte de uma *operação museológica*, já que é o *ato museológico* que retira um artefato de seu mundo e o recoloca em outro ambiente, ou o destaca na paisagem, tomando-o um *objeto museal* ao reinterpretar seu significado».

A curadoria é provocadora no sentido de «despertar a fruição, não somente centrada na imagem, mas em uma experiência, um caminho que leve a pensar a vida, a linguagem da arte, provocando leitores de signos» (Martins 2006, coord., p. 5). Dessa forma, estabeleceremos possibilidades de busca através das categorias e das entrevistas, por nome do/a artista, fotógrafo/a, ilustrador/a, colecionador/a; ano do disco, nome do disco e palavras-chave associadas às categorias. Para Chiarelli (1998, p. 12), «o curador de qualquer exposição é sempre o primeiro responsável pelo conceito da mostra a ser exibida, pelas escolhas das obras, da cor das paredes, iluminação, etc.».

Cada filmete, de 3 a 8 minutos de duração, foi elaborado a partir de um áudio/texto com depoimentos de convidados que tinham uma relação com o disco e com imagens dos discos que inspiraram as histórias. Uma singularidade que só foi possível na vivência daquele momento, por aquela pessoa. Ninguém mais no mundo teve a mesma experiência. E isso é de uma autenticidade que transforma o próprio contar, juntamente com as imagens capturadas dos diversos elementos do disco e a sonoridade das músicas, em uma obra única.

O museu está disponível para acesso livre e irrestrito através da página [www.museu-virtualdodiscodevinil.com](http://www.museu-virtualdodiscodevinil.com).

## 1.1. Acervo

Os discos que compõem atualmente o museu estão apresentados a seguir por categoria, com breve descrição do álbum, ficha técnica e trecho do depoimento que originou o áudio para cada um dos filmetes do acervo, com indicação do depoente e atuação.

### Fotografia & Ilustração

#### Jardim Elétrico

Quarto álbum do grupo Mutantes com ilustração da capa de Alain Voss e fotos de George Love. Um LP atemporal com diversos clássicos da banda e uma dose de humor em 11 faixas e 38min46s de duração. Lançamento: 1971. Artistas: Mutantes (Arnaldo Baptista, Rita Lee, Sérgio Dias, Liminha e Dinho Leme). Gravadora: Polydor. Gravação: Estúdios CBD (Rio) – RCA (São Paulo) – DesDames (Paris) com produção de Arnaldo Baptista.

*O disco todo é carregado de um humor sarcástico característico da banda, que abusou da psicodelia, do art rock e dos arranjos orquestrais de Rogério Duprat. Jardim Elétrico é bom de ver e ouvir! Alquimia pura! E com certeza tem uma das capas mais piradas da música brasileira (Beto Oliveira/fotógrafo).*

#### Clara Crocodilo

Primeiro álbum de Arrigo Barnabé e a banda Sabor de Veneno, com fotos de A. C. Tonelli e ilustração da capa de Luiz Gê. Apontado como o primeiro compositor popular a utilizar sistematicamente técnicas seriais em suas composições como dodecafonismo e o atonalismo livre. O disco tem 8 faixas e 42min11s de duração. Lançamento: 1980. Artista: Arrigo Barnabé e Banda Sabor de Veneno (Regina Porto, Bozo, Paulo Barnabé, Gi Gibson, Rogério, Otávio Fialho, Ronei Stella, Chico Guedes, Baldo Versolatto, Mané Silveira, Félix Wagner, Suzana Salles e Vânia Bastos). Gravadora: independente. Gravação: Gravado em Nosso Estúdio (São Paulo) em 1980, com produção de Robinson Borba.

*O melhor de tudo, pra fechar, é a reflexividade do projeto gráfico. Porque o olho do crocodilo da capa se repete no miolo da bolacha, e a gente teme aquela Clara Crocodilo ali, presa, mas nos espreitando, pronta pra atacar, ávida pra que as presas sejamos nós, seus ouvintes, seus irmãos (Patrícia Anette/professora).*

#### Alucinação

Segundo álbum de estúdio do cantor e compositor Belchior com todas as músicas de sua própria autoria. A fotografia é de Januário Garcia e arte de Nilo de Paula. O disco conta com diversos sucessos que abordam temas como política, amor e juventude em 10 faixas

e 37min34s de duração que marcaram a história da música brasileira. Lançamento: 1976. Artista: Antonio Carlos Belchior. Gravadora: PolyGram pelo selo Philips. Gravação: Estúdio Phonogram/16 canais com produção de Marco Mazzola.

*O álbum alucinação do Belchior me marcou muito. Posso dizer que ele me moldou. Não me lembro precisamente de quando conheci mas foi no final da minha adolescência. Lembro de como ecoou forte quando escutei pela primeira vez que minha alucinação é suportar o dia a dia e que meu delírio é experiência com coisas reais. Eu nunca mais esqueci* (Tatiana Vilarino/poetisa e cantora).

### **Fruto Proibido**

Quarto álbum de estúdio da cantora Rita Lee e o segundo com a banda Tutti Frutti que foi o grupo de apoio para a Rita Lee após sua saída dos Mutantes. O disco contém 12 faixas com 37min10s de duração. A fotografia do disco é do Meca e arte de Kelio. Em 2007, foi eleito o 16.º melhor disco brasileiro de todos os tempos na lista dos 100 maiores discos da música brasileira feita pela revista Rolling Stone Brasil. Lançamento: 1973. Artistas: banda Tutti Frutti (Luis Sérgio Carlini, Lee Marcucci, Franklin Paolillo, Guilherme Bueno, Rubens Nardo e Gilberto Nardo) e Rita Lee. Gravadora: Som Livre. Gravação: Estúdio Eldorado, São Paulo, em abril de 1975 com produção de Andy Mills.

*Fiquei um tempo apreciando os detalhes da fotografia da capa. A penteadeira cheia de objetos, os lenços, os tecidos coloridos pelo chão do quarto. A meia calça e a sandália da cantora amarrada como uma sapatilha de ponta. Naquela época eu fazia balé. Abri a capa e me deparei com uma grande foto da banda iluminada em contra-luz. Cabelos compridos, botas, instrumentos musicais e um figurino inusitado* (Daniela Franco Carvalho/bióloga).

### **Anacrônico**

Segundo álbum de estúdio da cantora e compositora baiana Pitty, em continuidade ao estilo do primeiro CD *Admirável Chip Novo*, em 2021 ganhou versão em vinil com adaptação gráfica de Leandro Arraes pelo estúdio Lastudio. O design gráfico e a ilustração são de Edinho Sampaio. O disco tem 13 faixas e 46min34s de duração. Lançamento: 2005. Artista: Pitty. Gravadora: Polysom. Gravação: Estúdios AR e Tambor (RJ) com produção de Rafael Ramos e mixagem de Rodrigo Vidal.

*Somos quase da mesma idade, sou um ano mais velha que ela. Imagino que compartilhamos de algumas angústias, revoltas, desejos e dúvidas próprias de «nosso tempo». Por isso, aos 28 anos eu ouvia «Anacrônico» com muita propriedade e Pitty alcançava o sucesso em um mercado cruel com mulheres nessa faixa*

*etária. Pitty incentivou muitas outras e segue única em sua diversidade (Adreana Oliveira/jornalista).*

### **Planeta Fome**

Trigésimo quarto álbum de estúdio da cantora Elza Soares com músicas inéditas e regravações, incluindo uma composição própria e capa da cartunista Laerte Coutinho. O disco possui 12 faixas e 42min10s de duração. Lançamento: 2019. Artistas: Elza Soares com participações de BaianaSystem, Orkestra Rumpilezz, Virgínia Rodrigues, BNegão, Pedro Loureiro e Rafael Mike. Gravadora: Deckdisc. Gravação: Estúdio Tambor, no Rio de Janeiro com produção de Rafael Ramos.

*Numa perspectiva surrealista e fragmentada, a ilustração da cartunista brasileira traduz um planeta poluído pela miséria, pela opressão, pelo sofrimento, pela dor e pela morte. O planeta de Elza se materializa num subúrbio carioca, metonímia do mundo em que nasceu e se criou (Rogério Tadeu Curtt/professor).*

### **Cabeça Dinossauro**

O terceiro álbum de estúdio dos Titãs é um dos discos mais icônicos do rock brasileiro. O título Cabeça Dinossauro faz menção ao racional, pela palavra «cabeça» e ao primitivo: dinossauro. A capa e a contracapa foram baseadas em desenhos originais do pintor italiano Leonardo da Vinci. A fotografia é de Vânia Toledo, arte final de Silvia Panella e capa de Sérgio Britto. O disco possui 13 faixas e 38min41s de duração. Lançamento: 1986. Artistas: Arnaldo Antunes, Branco Mello, Charles Gavin, Marcelo Fromer, Nando Reis, Paulo Miklos, Sérgio Britto e Tony Bellotto. Gravadora: Warner Music. Gravação: Entre março e abril de 1986 no Estúdio nas Nuvens Estúdio, produzido por Liminha, Pena Schmidt e Vitor Farias.

*Quando tocava nas domingueiras do Acre Clube o bicho pegava. O salão vivava uma espécie de campo de batalha. Um empurra-empurra, chutes misturados com saltos descoordenados para todos os lados. O ritmo das batidas e os gritos bem fortes. Era muito legal. Ninguém brigava. Era uma energia incrível. Todos aqueles corpos desconhecidos se esbarrando e cantando aos berros os refrões das canções preferidas. Posso afirmar com toda certeza que o LP Cabeça Dinossauro de 1986 dos Titãs é um dos mais importantes e marcantes de todas as épocas até hoje (Marco Parana/antropólogo).*

### **Acabou Chorare**

Segundo álbum de estúdio do grupo Novos Baianos. O título refere-se a uma cena doméstica quando João Gilberto morou no México e acudiu sua filha Bebel que teria caído falando numa mistura de português com espanhol: «acabou chorare». A música inspirada

nesse episódio dá o tom do disco, repleto de alegria, encontros e coloridos. A dedicatória é para as buchinhas, as ciças, os alefes, as natálias, minos e gabriéis. Para o Brasil. A produção gráfica e fotografia são de Antonio Luis (Lula) com montagem de Joel Cocchiararo. O LP tem 10 faixas e 39min29s de duração. Lançamento: 1972. Artista: Novos Baianos (Baby do Brasil, Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Pepeu Gomes, Jorginho, Baixinho e Dadi que integravam o conjunto A Cor do Som e Bolacha). Gravadora: Som Livre. Gravação: Sítio do Vovô em Jacarepaguá (RJ), estúdio Somil, com produção de Eustaquio Sena e coordenação geral de João Araujo.

*Este disco tem uma identidade muito brasileira. É MPB na veia, leia-se, samba, baião, choro, bossa nova, rock and roll, tudo junto e misturado! É muita criatividade reunida em um só disco, letras leves, cheias de poesia... E tem instrumento musical para caramba aí, uns até inventados (Adriana Porfírio e Adriana Borges/jornalistas).*

## Censurados & Polêmicos

### Secos e Molhados

Álbum de estreia do grupo Secos e Molhados que bateu todos os recordes de vendas de discos por trazer críticas à ditadura militar entremeada por poesia e canções do folclore português e tradições brasileiras. Fotos de Antonio Carlos Rodrigues e *layout* de Décio Duarte Ambrósio. O disco conta com 13 faixas e 30min54s de duração. Lançamento: 1973. Artistas: João Ricardo, Ney Matogrosso, Gérson Conrad e Marcelo Frias. Gravadora: Continental. Gravação: Estúdios Prova, São Paulo, entre maio e junho de 1973 com produção de Moracy do Val.

*Nossos olhos já estão tão acostumados com os milagres do photoshop e da computação gráfica que aquela capa hoje talvez não fosse tão especial. Mas como toda boa mágica, a capa iludia a nossa percepção sem deixar qualquer dica. Hoje a gente sabe que aquilo não era uma mesa. Os membros da banca estavam agachados debaixo de uma prancha de madeira com buracos para enfiarem suas cabeças. Hoje a gente sabe que os pratos tinham furos para encaixarem os pescçoços e o recorte cuidadosamente escondido atrás de cada um deles. Hoje a gente sabe como a mágica foi feita e o fotógrafo Antonio Carlos Rodrigues, autor do trabalho foi aclamado por essa obra que tem produção e iluminação impecáveis (Maurício Ricardo/jornalista e cartunista).*

### As Aventuras da Blitz 1

Álbum de estreia da banda Blitz lançado com aprovação do código de ética, a censura moral durante a *ditadura* civil-militar instituída com o golpe de 1964. Logo no canto esquerdo da capa já estava o aviso: impróprio para menores de 18 anos. No rodapé a informação de que duas músicas foram interditadas para execução pública. O encarte é no formato de um gibi e a capa e contracapa remetem ao universo das histórias em quadrinhos, produzidos por Luiz Stein, pela A Bela Arte (Gringo Cardia) e por CAFI com supervisão gráfica de Tadeu Valério. «Conta a lenda que não é preciso procurar a Blitz. Ela te achará». O disco tem 13 faixas e 36min23s de duração. Lançamento: 1982. Artista: Blitz (Evandro Mesquita, Ricardo Barreto, Antonio Pedro Fortuna, William Forghieri, Márcia Bulcão, Fernanda Abreu e João Luiz Woerdenbag). Gravadora: EMI-ODEON. Gravação: Estúdio EMI-ODEON com direção de Mariozinho Rocha.

*O que mais me impressionou nesse disco foi que havia duas músicas riscadas: Ela quer morar comigo na lua e Cruel cruel esquizofrenético blues. Isso me chamou muito a atenção porque me fez lembrar que a gente vivia, em 1982, ainda em plena ditadura no Brasil e a censura era ativa. Os músicos não podiam fazer o que eles queriam. Os brasileiros não podiam ouvir o que eles queriam. A gente não podia ser quem a gente queria ser (Wagner Schwartz/artista e coreógrafo).*

### Índia

Álbum de estúdio de Gal Costa com direção musical de Gilberto Gil, fotografia de Antonio Guerreiro e capa de Waly Salomão, traz a cantora vestida como uma índia, com uma tanga vermelha e peitos nus. A censura vetou a exposição da capa e o disco foi vendido nas lojas dentro de um plástico opaco de cor escura. O LP se tornou um marco na discografia de Gal tanto pela polêmica em função da sensualidade retratada como pela profusão intimista das interpretações. A música que dá título ao álbum, Índia (J. A. Flores – M. O. Guerrero – versão José Fortuna) é um antigo sucesso guarani do repertório de duplas sertanejas. O disco tem 9 faixas e 38min38s de duração. Lançamento: 1973. Artista: Gal Costa. Gravadora: Philips Records. Gravação: Estúdios Phonogram (Rio) e Eldorado (SP) com produção de Guilherme Araújo.

*Era muito estranho. Nas lojas de discos, na secção Gal, o Índia estava pra ser vendido com a capa coberta por um saco plástico escuro, semelhante ao utilizado em revistas pornográficas... Essa nudez foi castigada pela Censura. Na parede do meu quarto tinha um poster enorme da fotografia da contracapa pois foi publicada na Super Pop, uma revista de cultura jovem do período (Lu de Laurentiz/arquiteto e agitador cultural).*

### **Cilibrinas do Éden**

Álbum produzido quando Rita Lee deixou Os Mutantes e formou um conjunto musical com Lúcia Turnbull, que foi o embrião do Tutti Frutti. A única performance da dupla foi em 10 de maio no festival de música Phono 73, em São Paulo. O disco contém 12 faixas com 37 minutos de duração. O vinil pirata, lançado em 2010 pelo selo da pequena gravadora europeia Nosmoke Records, está na segunda tiragem com 500 cópias. Lançamento: 1973. Artistas: Lúcia Turnbull e Rita Lee. Gravadora: Philips. Gravação: Estúdio Eldorado, São Paulo, produção de Liminha.

*Cilibrinas do Éden é um disco que existe e que não existe. Um disco que foi gravado, mas não foi lançado. Se hoje o podemos ouvir, em vinil ou em links na rede, é graças às belezas da pirataria. Esse gesto de contravenção da pirataria, aliás, tem tudo a ver com o que foi as Cilibrinas do Éden, e com as duas artistas que formavam o grupo, em 1973: Rita Lee e Lucinha Turnbull (Enzo Banzo/cancionista e escritor).*

### **Nos Dias de Hoje**

Sétimo álbum do cantor e compositor Ivan Lins com produção artística de Eduardo Souto Neto e direção de arte de Milton Miranda. Na emblemática capa de Mello Menezes, Ivan está sem camisa em posição parecida a quem é detido, com uma plaqueta com a data: 28/05/78. Na parte interna da capa dupla, seu parceiro Vitor Martins aparece conjuntamente de frente e de perfil. As músicas têm essência nordestina e são pungentes críticas à ditadura militar que afligia a liberdade dos brasileiros. O disco tem 10 faixas e 34min17s de duração. Lançamento: 1978. Artista: Ivan Lins e grupo Modo Livre (Gilson Peranzetta, Fred Barbosa, João Cortez e Frederica). Gravadora: EMI-ODEON. Gravação: Estúdio da EMI-ODEON com produção de Mariozinho Rocha.

*O meu passado eternamente interiorano de Guariba/SP volta com tudo, em minha memória, quando eu escuto a faixa 2 do lado A, Guarde Nos Olhos. Vitor Martins trouxe para o repertório de Ivan Lins, temas da cultura popular trabalhados maravilhosamente pelas composições do pianista carioca. Duas dessas canções estão neste disco: Bandeira do Divino e Forró do Largo (Lu de Laurentiz/arquiteto e agitador cultural).*

### **Todos os Olhos**

Álbum do cantor e compositor Tom Zé. A criação da polêmica capa, por ter se tratado inicialmente de confeccionar a fotografia com uma biloca no ânus de uma mulher, é de Décio Pignatari e Francisco Eduardo de Andrade. O layout e arte-final de Marcos Pedro Ferreira e fotografia de Reinaldo de Moraes. O poema visual da capa interna é de Augusto

de Campos: *Olho por olho* de 1964. O disco tem 12 faixas e 35min59s de duração. Lançamento: 1973. Artista: Tom Zé. Gravadora: Continental. Gravação: Grupo Capote com produção de Milton José.

*Na capa, criada por Décio Pignatari, um grande olho te encara, te olha no olho. Em Todos os Olhos. Abrindo a capa, é a vez do poema visual «olho por olho» do poeta Augusto de Campos, te olhar da cabeça aos pés... (Marcus Tullius Moraes/produtor cultural).*

### **Calabar – Chico Canta**

Descrição: Álbum de estúdio que e é a trilha sonora da peça Calabar: o Elogio da Traição, de Chico Buarque e do poeta moçambicano Ruy Guerra. O disco, assim como a peça teatral, teve vários trechos censurados e foram produzidas três capas diferentes até a definitiva capa com o rosto do cantor e um novo título: Chico Canta. Foto e capa externa de Gianfranco, capa interna de Sérgio Damatta e a arte do grafitti de Regina Vater. O disco possui 11 faixas e 30min24s de duração. Lançamento: 1973. Artista: Chico Buarque. Gravadora: Warner Music. Gravação: Estúdio Phonogram, produzido por Roberto Menescal e coordenação geral de Ruy Guerra.

*Se tem algo que a música faz em todas as pessoas, ou, pelo menos em quase todas, no planeta inteiro, é acender memórias afetivas. E não raras vezes são memórias determinantes para o futuro de quem as têm. Eu era uma criança de sete anos quando foi lançado o espetáculo Calabar, musicado por Chico Buarque e Ruy Guerra e depois transformado em disco. Mesmo sendo uma criança, morando na provinciana, pequena e conservadora Uberlândia, sentia que havia uma coisa estranha no ar (Carlos Guimarães Coelho/jornalista e produtor cultural).*

### **Usuário**

Primeiro álbum da banda Planet Hemp que sofreu censuras em função das letras polêmicas sobre legalização da maconha. Com fusão de vários gêneros, o disco tem 17 faixas e 47min42s de duração. A direção de arte é de Sandra Mendes e fotografia de Daniela Dacorso. Lançamento: 1995. Artistas: Planet Hemp – Marcelo D2, Skunk, Rafael Crespo, BNegão, Formigão e Bacalhau. Gravadora: Sony Music. Gravação: Discovers Estúdio Rio com produção de Fábio Henriques e Planet Hemp.

*Ao meu ver, Usuário é um dos pilares do rock nacional noventista. Eu tenho certeza de que esse disco foi imensamente importante para abrir a mente de várias pessoas sobre a polêmica que circunda o tema maconha. O disco foi concebido nos anos 90, mas com tudo o que ele representa, ainda soa muito atual (Eduardo Zupelli Ivo/graduado em Letras e colecionador de vinil).*

### **Jóia**

Álbum de estúdio do cantor e compositor Caetano Veloso com influência da música tribal do Xingu e uma sensibilidade poética experimental. A capa, censurada pela ditadura militar, foi assinada pelo próprio Caetano em parceria com Aldo Luiz. A fotografia de João Castrioto originalmente trazia o cantor acompanhado de sua esposa na época, Dedé, e de seu filho Moreno Veloso nus. Na versão comercial aparecem somente três pássaros com o fundo completamente vazio. O disco tem 13 faixas e 39min28s de duração. Lançamento: 1975. Artista: Caetano Veloso. Gravadora: Philips Records. Gravação: Estúdio Phonogram com produção de Caetano Veloso e Perinho Albuquerque.

*Cresci e cresço permeado de música. Com o tempo amadureci a percepção acerca da beleza singular da gravação analógica: o disco de vinil, grande tecnologia de reprodutibilidade; por décadas, um dos mais importantes veículos de difusão da arte sonora. Fora no final de minha adolescência que, talvez finalmente, fui tocado pela obra de Caetano Veloso. As sutilezas das harmonias no violão; a lírica que conjura tristeza e alegria — sem qualquer paradoxo (Ian Abrahão/poeta com formação em filosofia).*

### **Malandro Rife**

Décimo primeiro álbum de Bezerra da Silva que traz aspectos cotidianos da malandragem dos morros cariocas e das práticas de sobrevivências de pessoas que se identificam com o personagem criado para o disco: malandro rife. A capa, de Valério do Carmo e Wilton Montenegro, traz uma mistura de humor e ironia que retrata uma performance do cantor enquanto o próprio malandro rife. A fotografia de Wilton Montenegro remete ao trecho da música «você com revólver na mão é um bicho feroz». O disco tem 11 faixas e 40min47s de duração. Lançamento: 1985. Artista: Bezerra da Silva. Gravadora: RCA Vik. Gravação: Estúdio RCA Vik com produção de Aramis Barros e direção artística de Miguel Plopschi.

*Esse malandro é bem diferente do malandro cantado por Chico Buarque, da boemia. O do Chico muitas vezes se finge de otário e vai galgando terreno — dependendo da dedicação, ele vira candidato a malandro federal. O do Bezerra se coloca como guardião do morro, pronto pra ocupar o espaço que o Estado deixou vazio (Fernanda Zacarias/ghost writer).*

### **Indigo Borboleta Anil**

Álbum solo da cantora e compositora Liniker. Um LP de experiência sonora única provocada pelo alcance vocal da cantora e a poesia presente nas músicas que falam da vida,

do amor, de memórias e sonhos. Fotografia de Caroline Lima com produção artística de Vandeca Zimmermann e direção de arte de Karen Ka. O disco tem 11 faixas e 49min01s de duração. Lançamento: 2021. Artista: Liniker, com participação de Milton Nascimento, Tássia Reis, Mahmundi, Vitor Hugo, DJ Nyack, Tulipa Ruiz, Orquestra Jazz Sinfônica, Letieres Leite e Orkestra Rumpilezz. Gravadora: Noize Record Club. Gravação: Estúdio Brocal com produção de Liniker, Júlio Fejuca e Gustavo Ruiz.

*Muito recentemente, assisti à uma entrevista com Liniker e Linn da Quebrada para a secretaria municipal de cultura de São Paulo, e elas nos falam sobre o cansaço da representatividade e de fazerem o que fazem. E eu consegui ver isso nesse disco, será que como ouvintes a gente consegue imaginar a exaustão em construir algo tão íntimo? Como é que é por pra fora em forma de música o seu avesso? (João Victor/professor de inglês e yoga).*

### **Sérgio Ricardo**

Álbum do cantor, compositor e artista João Lufti, popularmente conhecido como Sérgio Ricardo. Produzido nos fundos da casa do artista, na Urca (RJ), com a colaboração dos amigos que integram o disco. A capa feita por Caulos, mostra o cantor com a boca coberta por uma tarja branca, o que levou a uma intimação do DOPS e a proibição de execução pública das músicas. As fotos da contracapa são de Sérgio Bernado e a crítica elaborada para um anúncio pago no Jornal do Brasil de 23/11/1972 é do produtor cinematográfico Otto Engel. O disco tem 10 faixas e 42min22s de duração. Lançamento: 1973. Artista: Sérgio Ricardo, Piri Reis, Cássio Tucunduva, Franklin da Flauta, Fred Martins e Paulinho Camafeu. Gravadora: Continental Discos. Gravação: SOMIL com produção de Sérgio Ricardo.

*Em Calabouço, música que abre esse disco de 73, o compositor concebe estrategicamente um jogo entre a palavra do título e a expressão «Cala boca moço», repetida exaustivamente no decorrer de sua «falação». Sabemos que a letra remete a um dos episódios marcantes da opressão militar: o assassinato covarde do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, que ocorreu no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, em 68 (Fábio Coelho da Silva/professor).*

### **Natureza**

#### **Circuladô Vivo**

Décimo sexto álbum do cantor e compositor Caetano Veloso com direção artística de Mayrton Bahia. *Circuladô de fulo* é o nome da canção da faixa 4, lado 1, do disco 1 inspirada no livro experimental *Galáxias* de Haroldo de Campos de 1984. A ilustração é de

Helio Eichbauer com fotografia de Livio Campos. O disco duplo tem 19 faixas e 1h2min de duração. Lançamento: 1992. Artista: Caetano Veloso. Gravadora: Philips Records. Gravação: Unidade Móvel ARP/GABISOM 48 canais com produção de Caetano Veloso e Jaques Morelenbaum.

*Circuladô traz a natureza, o mundo e seus conflitos marcando presença desde a capa do disco, que reproduz a cenografia do show, concebida por Hélio Eichbauer, a partir de imagens de figuras rupestres, passando por diversas canções que formam um painel multifacetado sobre esses temas (Marcia Fráguas/mestra em Literatura Brasileira).*

### **Convoque Seu Buda**

Terceiro álbum de estúdio do cantor e compositor Criolo com direção artística de Denis Cisma, design gráfico de Lucas Rampazzo e imagens da coleção gratuita do Rijk Museu de Amsterdã. As composições criticam o consumismo, a ostentação, a situação dos moradores de rua e as condições de vida do brasileiro. Na música que dá nome ao LP, Criolo faz um apelo: «Nin Jitsu, Oxalá, Capoeira, Jiu Jitsu, Shiva, Ganesh e Zé Pilin dai equilíbrio ao trabalhador que corre atrás do pão». O disco tem 10 faixas e 40min30s de duração. Lançamento: 2015. Artista: Criolo, com participação de Tulipa Ruiz e Jussara Marçal. Gravadora: Oloko Records. Gravação: Estúdio El Rocha (SP) com produção de Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral.

*A capa e contracapa da edição especial em Vinil 180g conversa com a diversidade e a cor das condições de existência do brasileiro marginalizado, de outras culturas minoritárias, e nos convida à um olhar atento para ruínas cotidianas, olhares... no brinquedo de pneu que gira... na orquídea que mimetiza um predador, no rosto humano que observa... (Maria Carolina Alves/bióloga).*

### **Refazenda**

Álbum do cantor e compositor Gilberto Gil com arranjos musicais e sonoridade inspirada no baião e na música nordestina. As fotos de João Castrioto e capa de Aldo Luiz remetem à vida no campo, à simplicidade e aos encontros com a natureza. É o primeiro da Trilogia Ré, completada com Refavela (1977) e Realce (1979). O disco tem 11 faixas e 37min50s de duração. Lançamento: 1975. Artista: Gilberto Gil. Gravadora: Philips Records/CBD. Gravação: Estúdio Phonogram com produção de Mazzola.

*Tinha eu 15 anos de idade, era aficionado em rock. Conhecia muito, em especial, as bandas inglesas e americanas, e um pouco as brasileiras. Refazenda foi me apresentado nesse contexto. De imediato foi um grande fascínio. O rock*

*abriu a minha sensibilidade para entrar na sonoridade eclética de Gilberto Gil. Rezazenda lançado em 1975 é para mim o ponto de convergência e proliferação de muitas referências na formação cultural do Giló, como os amigos íntimos o chamam (Cristiano Barbosa/geógrafo e cineasta).*

### **Recital na Boite Barroco**

Álbum gravado ao vivo na boite Barroco no Rio de Janeiro na forma de um recital, no qual toda a sonoridade da música brasileira dos anos 1960 se fazia presente na voz da cantora Maria Bethânia. Com foto de Mafra, layout de Joel e ilustração de Luiz Jasmin a capacidade de criar numa imensidão de encantos é retratada na capa por entre insetos, flores, folhagens, fios de cabelo e o corpo nu da cantora. O disco tem 13 faixas e 38min49s de duração. Lançamento: 1968. Artista: Maria Bethânia, com acompanhamento de Terra Trio (Zé Maria, Fernando Costa e Ricardo Costa). Gravadora: ODEON. Gravação: Ao vivo, na boite Barroco (RJ) com produção de Milton Miranda.

*Uma década antes de meu nascimento... Liberação sexual, guerra do Vietnã, AI-5, maio de 1968... o ano que não terminou. Nesse ano, Bethânia grava ao vivo «Recital na Boite Barroco». O álbum já chama atenção pela capa, um desenho de Luiz Jasmim... seios a mostra, cabelos entrelaçados em insetos, frutas e cores, olhar penetrante, sensualidade (Mariana Pelizer/psicóloga clínica).*

## **Religiosidade**

### **Racional (Vol. 1, 2 e 3)**

Trilogia do cantor e compositor Tim Maia. O primeiro álbum foi praticamente ignorado na época de seu lançamento pela adesão do cantor à cultura racional e doutrinação que havia relacionado às práticas de abstinência e radicalização. A partir da década de 1990 os discos dessa fase foram relançados e atualmente são muito raros e difíceis de encontrar. O volume 1 tem 9 faixas e 33min06s de duração; o volume 2 tem 7 faixas e 30min10s de duração; o volume 3 tem 5 músicas e 25min22s de duração. Lançamento: 1975 (vol. 1); 1976 (vol. 2); 2011 (vol. 3). Artista: Tim Maia. Gravadora: Seroma Discos. Gravação: Estúdio RCA com produção de Tim Maia nos dois primeiros volumes e de Paulinho Guitarra e Kassin no volume 3.

*Quando Tim começou a fazer os álbuns dessa fase, a Cultura Racional não fazia parte da vida dele. Em julho de 1974, as bases das músicas que formariam um disco duplo já estavam todas prontas quando ele visitou a casa do amigo mú-*

*sico Tibério Gaspar. Lá, ele viu o livro «Universo em Desencanto» — que propaga essa doutrina —, se interessou e acabou se convertendo (Igor Miranda/jornalista).*

### **A Tábua de Esmeralda**

Décimo primeiro álbum do cantor e compositor Jorge Ben Jor com imagens da capa de Nicolas Flamel, fotos da contracapa de Mario Luiz e capa de Aldo Luiz. A Tábua de Esmeralda, em latim *Tabula Smaragdina*, é o texto escrito por Hermes Trismegisto que deu origem à alquimia, onde consta «É verdade, certo e muito verdadeiro». Na capa aparece esse trecho, acrescentado de «sem mentira». O disco tem 12 faixas e 40min16s de duração. Lançamento: 1974. Artista: Jorge Ben Jor. Gravadora: Philips Records. Gravação: Estúdio Phonogram com produção de Paulinho Tapajós.

*Os alquimistas estão chegando os alquimistas... música que tem uma bateria maravilhosa e que condensa a ideia hermética que envolve o disco, anunciando a chegada daqueles que evitam qualquer relação com pessoas de temperamento sórdido (Robisson Sette/poeta, escritor e editor).*

### **Esperança**

Álbum da cantora Clara Nunes com fotos de Wilton Montenegro e capa de J. C. Mello e Tadeu Valério. O encarte traz o nome «Clara» à esquerda no alto, em amarelo, uma feradura com um trevo de quatro folhas ao centro e ao redor amuletos como figas, búzios, estrela-do-mar, cavalos marinhos, pé de coelho, folha de louro, estrelas de Davi e chaves. O disco tem 12 faixas e 37min26s de duração. Lançamento: 1979. Artista: Clara Nunes. Gravadora: EMI-ODEON. Gravação: Estúdios EMI-ODEON com produção de Paulo Cesar Pinheiro e direção de Renato Corrêa.

*Foi numa roda de samba há anos atrás, na verdade um tributo a mulheres sambistas, que eu pude perceber a potência de uma criação artística, quando toda gente ali presente se levantou a cantar como em um rito de celebração. E essa experiência me remeteu à casa da minha avó materna. Onde aos finais de semana a família se reunia e o toca-discos a todo vapor, com os mais variados gêneros musicais. Não faltava um bom samba na voz de mulheres como Alcione, Eliana de Lima, Leci Brandão, Elza Soares e ela: Clara Nunes (Rubia Bernasci/artista).*

### **Angelus**

Vigésimo quinto álbum do cantor e compositor Milton Nascimento com fotos de Tom Tavee, fotografia das paisagens mineiras de Guignard, reproduções de Márcio Ferreira

e capa de Geraldo Leite e Márcio Ferreira. A música *Angelus*, que dá nome ao disco, foi gravada com Leonardo Bretas para a trilha da novela *Coração de Estudante* da Rede Globo em 2002. O LP duplo tem 15 faixas e 1h09min de duração. Lançamento: 1993. Artista: Milton Nascimento participação especial de artistas internacionais como Pat Metheny, Jon Anderson, Wayne Shorter, Herbie Hancock, James Taylor e Peter Gabriel. Gravadora: Warner Music Brasil/MBG Ariola Discos. Gravação: Fazenda Grotão (Esmeraldas – MG) com produção executiva de Márcio Ferreira e Matt Pierson e direção musical de Milton Nascimento.

*Angelus de Milton Nascimento é esse amálgama de coisas do mundo e de coisas de Minas que faz um clube da esquina para as coisas mais bonitas e importantes da vida* (Eduardo Bernardt/matemático graduado em teatro).

### **Roberto Carlos**

Décimo primeiro álbum de estúdio do cantor e compositor Roberto Carlos gravado nos Estados Unidos (Nova Iorque) com arranjos orquestrais criados e regidos pelo pianista e maestro Jimmy Wisner. A capa traz uma ilustração de Roberto feita por Carlos Lacerda e a fotografia da contracapa é de Armando Canuto. Nesse disco o cantor assume definitivamente sua predileção romântica, mas deu continuidade ao viés religioso do disco anterior de 1970, com a música *Todos estão surdos*. O disco tem 12 faixas e 43min16s de duração. Lançamento: 1971. Artista: Roberto Carlos. Gravadora: CBS. Gravação: Estúdio CBS com produção de Evandro Ribeiro.

*Meus pais se casaram na década de 1960. Um casal muito apaixonado e intenso. Desde que me entendo por gente, ouvia Roberto Carlos em casa, como um sinal do romantismo deles. Todos os anos, seu Rolando Zenon presenteava Dona Lúcia com o LP do Roberto. Uma espécie de tradição familiar. Na noite de Natal, mamãe sempre abria o último disco do Roberto. Era bacana olhar a capa, o encarte, ouvir as músicas* (Adriana Sousa/jornalista e professora).

### **Krig-ha Bandolo!**

Primeiro álbum solo do cantor e compositor Raul Seixas com capa e contracapa de Raul Seixas, Paulo Coelho, Edith Wisner, Aldo Luiz e Aldagisa Rios. A letra da música *Rockixe* aparece na contracapa, juntamente com um muro de pedras e uma escadaria com o retrato do cantor com um casaco de couro sobre o peito com o mesmo colar da foto da capa, emoldurado como uma fotografia antiga. O disco tem 11 faixas e 28min32s de duração. Lançamento: 1973. Artista: Raul Seixas. Gravadora: Philips Records/CBD. Gravação: Estúdio Phonogram com produção de Mazzola e Raul Seixas e coordenação de Roberto Menescal.

*Raul Seixas não queria ser uma unanimidade. Queria conquistar o mundo com suas ideias, com seu ideal, com sua sociedade alternativa. Por tudo isto, o momento pede que revisitemos «Krig-Ha, Bandolo» e possamos entender mais uma vez o porquê de Raul Seixas ser um dos artistas mais geniais da música brasileira (Daiane Stasiak/artesã).*

### **Sobrevivendo no Inferno**

Quarto álbum de estúdio do grupo Racionais MC's com criação e direção de arte geral de Marcos Marques, fotos de Klaus Mitteldorf e arte de Tyco. Considerada a produção musical mais importante do rap brasileiro, traz nas letras forte crítica à miséria, ao racismo, desigualdade social e violência. Na capa aparece o Salmo 23, capítulo 3: «Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça». O LP duplo tem 12 faixas e 1h13min de duração. Lançamento: 1997. Artista: Racionais MC's com participação de Daniel Quirino, Priscila Maciel, Pulga, Guilherme, Dagô Miranda, Giovani, Quindin, Dinho, Rinaldo BV e Primo Preto. Gravadora: EAEO Records e Fatiado Discos. Gravação: Studio The Hit com produção de Racionais MC's, Boogie Naípe e Cosa Nostra.

*Sobrevivendo no Inferno é uma obra absolutamente coerente quanto à sua inspiração racial e tanto quanto a inspiração espiritual: as melodias, a capa, a contracapa, o encarte e as letras são carregados de espiritualidade. Mas não se trata da espiritualidade maniqueísta. Neste álbum, o bem e o mal coexistem no mesmo contexto, no mesmo ambiente, nos mesmos corpos (Vinícius Oliveira Santos DJ Xegado/doutor em sociologia, produtor cultural e discotecário).*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde o lançamento do museu em maio desse ano, tivemos cerca de 30 mil visitantes, o que demonstra um interesse pela temática e insere uma importância no cenário cultural brasileiro da divulgação da música nacional. Nosso interesse é ampliar o acervo do museu, com novos filmes e a produção de uma exposição intitulada *mulheres vinílicas* que vai tangenciar a possibilidade de democratizar a arte de mulheres que compõem e cantam músicas que são gravadas em vinil e a história das mulheres que colecionam LPs. Estampar no museu essas singularidades. Explodir preconceitos.

Dedicamos esse museu à memória do ilustrador Elifas Andreato e do fotógrafo Januário Garcia Filho. Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC).

## REFERÊNCIAS

- BARTMANSKI, D., e I. WOODWARD, 2016. Vinyl Record: a cultural ícone. *Consumption Marketing and Culture*. **1**(1), 1-7.
- CHIARELLI, T., 2008. As funções do curador, o Museu de Arte Moderna de São Paulo e o grupo de estudos de curadoria do MAM. Em: F. CHAIMOVICH, org. *Grupo de Estudos de Curadoria*. São Paulo: MAM, pp. 13-19.
- CUNHA, M. A. M., 2020. A canção move o mundo: os encartes dos discos de vinil. *Revista Científica do UniRios*. **1**(16), 1-12.
- D'MORAIS, M., 2012. *A leitura dos discos: o LP como objeto das artes literária e visual brasileiras nas décadas de 70 e 80*. Recife: Editora Universitária.
- GOMES, C. R. A. S., 2013. *Do «fato museal» ao gesto museológico: uma reflexão*. Trabalho de conclusão de curso (graduação), Curso de Museologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.
- HARADA, I. B., 2019. *O retromarketing na indústria musical: o regresso dos discos de vinil*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MARTINS, M. C., coord., 2006. Curadoria educativa: inventando conversas. *Reflexão e Ação*. **14**(1), 9-27.
- REIS, S. R., E. L. O. C. LIMA, e G. C. LIMA, 2015. Memória gráfica brasileira – da memória ao efêmero: o caso das capas de discos de vinil. Em: *Anais do 7.º Congresso Internacional de Design da Informação, CIDI 2015* [Em linha]. São Paulo: Blucher, pp. 1428-1433 [consult. 2022-09-26]. Disponível em: [https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/cidi2015/cidi\\_174.pdf](https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/cidi2015/cidi_174.pdf).
- REMIC, B., 2015. *Vinyl Resurgence: how materiality affects economic outcomes*. Roterdão: Erasmus University.
- VALENTE, H. D., 2019. Da musicofilia ao colecionismo. Sobre hábitos e escuta das velhas-novas tecnologias. *LIS*. **11**(20), 134-145.